

# Discutindo o ensino de História mediado pelos museus:

experiências docentes no Museu de Artes e Ofícios - BH

Por Jezulino Lúcio Mendes Braga<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo apresenta parte das discussões da minha tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da UFMG. Discuto as experiências de professores de história em diálogo com a narrativa visual do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte. O texto foi dividido em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresento o setor educativo do MAO e os programas que desenvolvem na partilha com docentes. Na segunda seção, discuto por meio dos relatos dos docentes as possibilidades formativas da exposição museal. Na última seção, o foco recai sobre as experiências subjetivas e as práticas sensíveis de ensino de História no museu.

Palavras-chave: Museu; Experiência; Ensino de História.

## Abstract

This paper presents part of my dissertation's analysis developed at Faculdade de Educação/UFMG. We discussed history teachers' experiences in a dialogue with the visual narrative of a Museum situated in Belo Horizonte called Museu de Artes e Ofícios. The text was divided in three sections besides the introduction and the final considerations. In the first section, we presented the educative sector of the museum and its programs for teachers. In the second one, through the teachers' reports, we discussed the formation possibilities of a museum exhibition. In the last section the focus is on the subjective experiences and the sensitive practices of history teaching in the museum.

Keywords: Museum; Experience; History Teaching.

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenador de Pesquisa na Unidade de Campanha/UEMG. Contato: luciohistoria@yahoo.com.br.

# Introdução

Este artigo é parte das discussões propostas na minha tese de doutorado *Professores de História em Cenários de Experiência*, na qual investiguei as experiências dos professores de História no Museu de Artes e Ofícios (MAO) em Belo Horizonte-MG. Por meio de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, analisei as experiências de uso pedagógico e as potencialidades para o ensino de História apontadas no museu.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira foi feita a partir de questionário enviado aos professores que responderam positivamente ao convite do setor educativo do MAO. O setor educativo se disponibilizou a relacionar todos os professores de História que visitaram o museu nos últimos dois anos e enviar um convite por meio eletrônico para participação na pesquisa. O setor educativo MAO consultou 115 professores sobre interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Obtiveram 45 retornos, sendo que 6 deles foram negativos. Enviamos questionários para 39 professores na primeira etapa da pesquisa e obtivemos 26 retornos.

Na segunda etapa, realizamos entrevistas narrativas em contato com a exposição do museu. O pesquisador e os professores convidados para pesquisa caminharam pela exposição do museu, dialogando sobre questões previamente elaboradas e testadas por um grupo de pesquisadores do LABEPEH/FAE-UFMG<sup>2</sup>. A entrevista narrativa foi realizada no Museu de Artes e Ofícios, individualmente com cada professor, em dia previamente agendado. Optamos por uma entrevista em percurso de visita. Assim, o/a professor/a e eu realizamos um percurso dialogando por ambientes expositivos do museu enquanto a entrevista ocorria. O tempo da entrevista foi, então, o tempo do percurso, sendo altamente interferente em seu conteúdo.

O texto foi dividido em três partes. Na primeira seção, apresentamos as potencialidades educativas do MAO na implantação de programas e materiais didáticos para atender aos docentes. Esses programas podem ampliar o uso educativo da exposição em diálogo com o currículo escolar em ações antes, durante e após a visita ao museu. Na segunda seção, analisamos as experiências dos docentes no contato com o cenário do museu e debatemos como os espaços dos museus são formativos, nos quais os pro-

<sup>2</sup> Laboratório de Pesquisa e Ensino de História da Faculdade de Educação-UFMG.

fessores se abrem às frustrações, ao sofrimento, mas também às paixões, encantamento e satisfação profissional.

E, por fim, relacionamos as experiências subjetivas com as estratégias para ensino e aprendizagem de história. Focamos a análise no relato dos professores colhidos em entrevista caminhante pela exposição do Museu de Artes e Ofícios. A entrevista foi realizada no contato com a exposição para que os docentes rememorassem suas práticas ao mesmo tempo que refletiam sobre a potencialidade dos museus para o ensino de História. Partindo do pressuposto de que a centralidade da pesquisa recai sobre as experiências dos professores no museu, realizamos a entrevista como ato investigativo marcado por situações em que o professor exerceu seu papel narrador, viveu experiências e fez opções de visitação na exposição do MAO. Decidimos que realizar a entrevista naquele lugar seria uma oportunidade de dialogar com as experiências vividas pelos professores em ações pedagógicas no museu, focalizando também a sua experiência pessoal dentro da instituição e mesmo diante de outros museus.

Os sentidos despertados pela relação corpórea que mantemos com as coisas no mundo são interferentes em nossas lembranças e na percepção que elaboramos sobre o vivido. Os professores em situação de visita elaboram novos significados para suas práticas docentes, mediadas por sua memória subjetiva na relação com objetos e palavras que configuram cenários de experiência. Nesses cenários, os docentes elaboram narrativas em gestos sensíveis de lembrança e esquecimento, dando sentido a suas ações subjetivas quando em situação de visita escolar.

## Museu de Artes e Ofícios e a Educação

Os museus são ambientes de formação, tanto para educadores que atuam diretamente na instituição museal quanto para professores que dela fazem uso educativo. De acordo com Pereira & Siman:

O exercício do fazer educativo em museus é visto como oportunidade formativa porque rica de experiências, contatos e trocas que proporcionam quando aproveitadas situações novas, enriquecedoras e reinventivas. Ao apren-

der na prática, com a prática e pela experiência, o educador em museus poderá tornar sua ação profissional um exercício de aprendizagem, que, uma vez iniciado, não se completa e não se finda, residindo nessa processualidade, especialmente, sua maior riqueza (SIMAN & PEREIRA, 2009, p. 4).

Assim, podemos questionar em que medida as equipes educativas dos museus têm convidado o professor ao diálogo, ou quais sensibilidades, valores, crenças éticas, estéticas e políticas são partilhadas no encontro dos professores com as equipes dos setores educativos dos museus. E na escola, que trocas ocorrem entre professores aprendentes nos museus e seus colegas de profissão?

Essas discussões tornaram-se pertinentes no Brasil a partir da década de 1950, quando a educação passou a integrar as funções dos museus como um campo fundamental na relação que estabelecem com a sociedade. Para Knauss (2011), na década de 50, a educação nos museus deixa de ser tratada em termos genéricos e passa a ser discutida em sua relação com as escolas. O autor fez um levantamento sobre as discussões que estavam sendo feitas nos *Anais do Museu Histórico Nacional* e outros artigos que defendiam até mesmo a criação de serviços educativos independentes dos serviços técnicos dos museus. O autor ainda aponta como marco nesse processo a realização do Seminário do ICOM, acontecido no Rio de Janeiro em 1958 (KNAUSS, 2011).

O modelo de museu proposto na criação do Museu Histórico Nacional (MHN) em 1922 tinha o público escolar como referente, antecipando o debate sobre a aproximação dos museus e escolas (KNAUSS, 2011). Pesquisando os *Anais do Museu*, Knauss (2011) encontrou um artigo em que Nair Moraes de Carvalho, professora do curso de museus do MHN, elabora, por meio de outras referências, modelos para a visitação escolar que se daria de formas variadas, como:

(...) *visitas escolares dirigidas* eram caracterizadas como as que se realizam *durante* o horário de aula, com programa preestabelecido de antemão e com preleção dos conservadores do museu. Por sua vez, as *visitas escolares livres* eram as realizadas por grupos de estudantes indicados, *fora* do horário de aula e sem serem necessariamente acompanhados, propondo-se um tema para estudo ou inquérito. As *visitas escolares combinadas*, porém, compunham-se de uma parte dirigida e outra parte livre, combinado assim os outros dois tipos. (KNAUSS, 2011, p. 586)

Observa-se que, já nesse período, existe uma preocupação com visitas livres, nas quais seria proposto um

tema para estudo a partir dos conteúdos escolares. É claro que a ênfase era na história da Pátria, através de uma narrativa baseada em eventos políticos e heróis nacionais. Nesse caso, o papel dos museus seria o de auxiliar a escola no desenvolvimento de uma educação para a consciência patriótica. Já é conhecido pela bibliografia o entusiasmo de Gustavo Barroso (diretor do MNH) ao patrimônio cultural, principalmente pela via saudosista, na recuperação de um passado glorioso e na tentativa de despertar nas gerações o amor à pátria.

Foi a partir dos anos de 1980, com a influência dos debates sobre a nova museologia, que as instituições montaram equipes específicas para atender a demandas vindas das escolas, formularam materiais de orientação para os professores e promoveram cursos e seminários atendendo a essa camada profissional, como o evento realizado no Museu Imperial, dedicado a discutir o tema geral *Uso Educacional dos Museus e Monumentos*. É nesse encontro que é discutida a expressão educação patrimonial e são lançadas as bases para uma metodologia que pensa a educação nas relações subjetivas com o patrimônio.

No entanto, ainda existe um grande número de museus que não possuem os chamados “setores educativos” devido à falta de investimentos públicos ou até mesmo por optarem por uma relação direta entre o público escolar e as exposições propostas em suas galerias.<sup>3</sup>

Para Santos, todas as ações museológicas devem ser pensadas como ações educativas, ainda que o museu não tenha um setor específico que cuide dessas atividades, uma vez que, “sem essa concepção, não passarão de técnicas que se esgotam em si mesmas e não terão muito a contribuir para os projetos educativos que venham a ser desenvolvidos pelos museus, tornando a instituição um grande depósito para guarda de objetos” (SANTOS apud IBRAM, 2011, p. 119).

Em 2008, foi implantado no Museu de Artes e Ofícios o projeto *Trilhas e Trilhos*, que tem como objetivo promover a mediação entre o acervo e o público.<sup>4</sup> Segundo a coordenadora do setor, Naila Mourthé, esse projeto fortaleceu a ação educativa do MAO ao oferecer atividades complementares e diferenciadas, além de ampliar a capacidade de atendimento a grupos de estudantes. A proposta foi intitulada *Trilhas e Trilhos* porque:

(...) é uma remição ao trem, ao tema que envolve a Praça da Estação. Só que o trilho a gente sabe exatamen-

<sup>3</sup> Dados levantados pelo IBRAM indicam que 51,9% dos museus brasileiros não possuem serviço educativo, mas 80,6% oferecem como opção a visita guiada. IBRAM. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, online.

<sup>4</sup> No ano de inauguração do Museu, em 2004, foi implantado o projeto educativo Fio da Meada. O planejamento e a execução das ações educativas incentivavam o visitante a encontrar o fio da meada do saber fazer dos sujeitos em diferentes temporalidades.

te onde vai dar, e no setor educativo, a gente entende que nós fazemos propostas, mas onde nós vamos chegar, talvez a gente percorra outros caminhos. (MOURTHÉ, apud BARBOSA, 2010)

A proposta do setor educativo é fazer a mediação com o público, não exclusivamente o escolar. Segundo a coordenadora, não se trata apenas de uma visita guiada ou orientada, mas de perceber as interações possíveis entre o público e o museu. Portanto, a metodologia é aberta à participação dos professores e demais visitantes que contribuem no resultado final.

Para apresentar os projetos do setor educativo e servir como material de apoio aos professores que fazem uso pedagógico do museu, foi elaborado um *Guia do Educador*. Trata-se de um encarte que, além de apresentar o serviço educativo, faz sugestões de atividades para realizar antes, durante ou depois da visita. Inclui cinco propostas de uso educativo do museu que podem atender a crianças, públicos diversos, adolescentes e jovens de uma forma geral.

Figura 1  
Guia do Educador (1)  
Museu de Artes e Ofícios, 2008

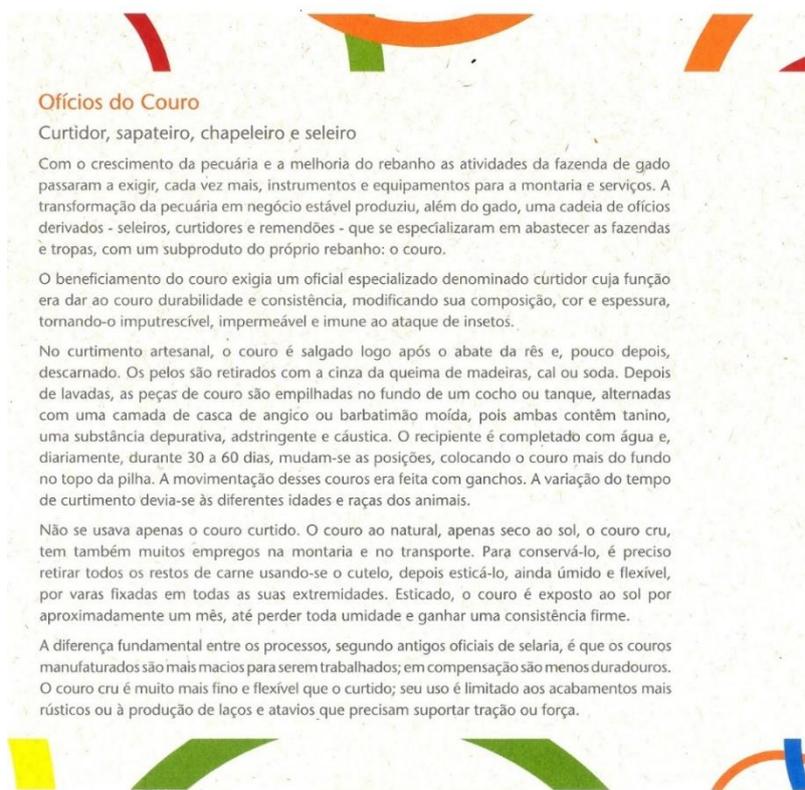


Esse guia tem um caráter permanente, mas os encartes existentes na capa e na contracapa são acrescentados anualmente. Os encartes são compostos por fotos com algumas informações de ofícios apresentados na exposição do MAO e outros encartes com atividades didáticas ligadas a esses ofícios. A cada ano, os encartes são mudados com o acréscimo de outros ofícios, o que permite que o professor tenha mais informações e outras propostas de atividades.

Figura 2

Guia do Educador (2)

Museu de Artes e Ofícios,  
2008



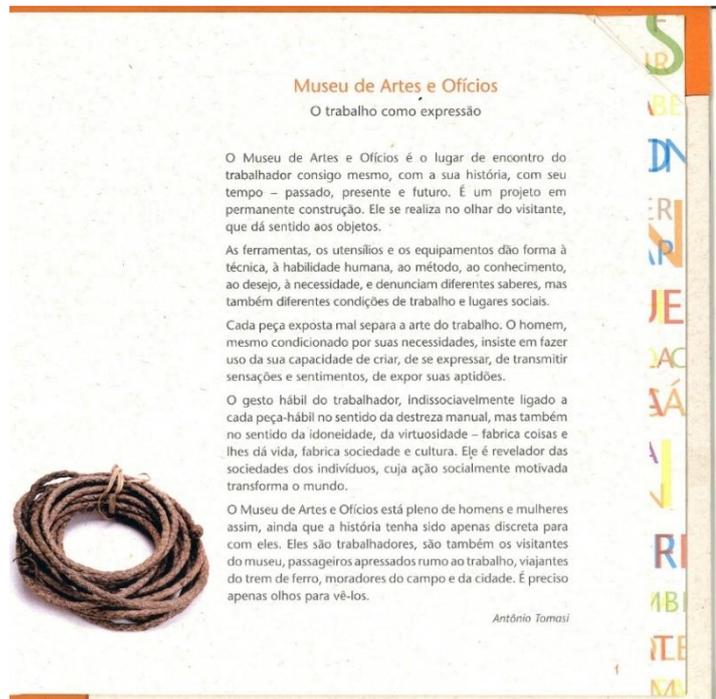
Os encartes são modificados com sugestões de atividades desenvolvidas pelos docentes no MAO. São atividades selecionadas para o *Socializando Práticas Educativas*, que tem como principal objetivo valorizar as práticas docentes no uso pedagógico do Museu. No início de cada ano, é divulgado um edital que convida os professores a redigirem uma atividade desenvolvida no antes, durante ou depois da visita ao MAO. No site do museu, a orientação é de que os professores:

(...) interessados em participar devem enviar uma descrição, em linhas gerais, da proposta de trabalho, do segmento envolvido, dos objetivos propostos, do desenvolvimento da atividade e dos resultados obtidos. Vale ressaltar, que um parecer pessoal pode ser muito significativo para sensibilização de outros educadores para o aproveitamento e a recriação das práticas. (MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS, online)

Figura 3

Guia do Educador (3)

Museu de Artes e Ofícios, 2008

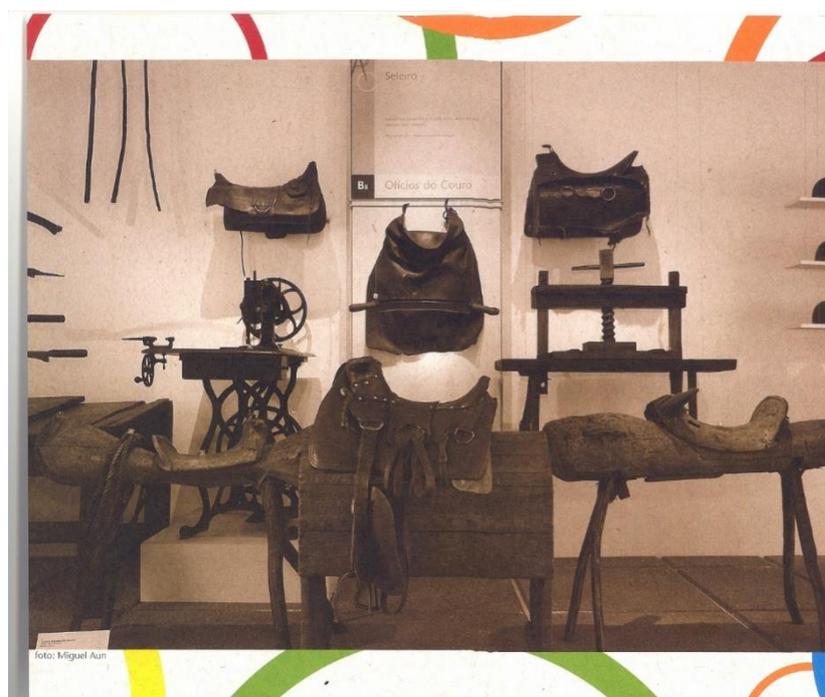


Ao final de cada semestre, algumas práticas são selecionadas e o professor é novamente convidado a socializá-las em uma mesa redonda que acontece no hall de entrada do museu. É um momento em que as práticas são partilhadas com outros professores, que podem, a partir da experiência desenvolvida, ressignificar suas ações pedagógicas no uso do museu. As práticas são também divulgadas no site do Museu e no Guia do Educador do próximo ano. A proposta do *Guia do Educador* é deixar opções para a intervenção do professor que faz uso educativo do museu.

Figura 4

Guia do Educador (4)

Museu de Artes e Ofícios, 2008



Do total de professores entrevistados na primeira etapa, 42% possuem o *Guia do Educador* e fazem uso do material para preparar sua visita ao MAO. O instrumento é um norteador e sugere algumas atividades que podem ser desenvolvidas no museu:

As aulas prontas me deram ideias para adaptá-las a realidade das minhas turmas. A intenção era falar sobre os ofícios e depois compará-los aos atuais. (Professora Laura)

Leio, mas sempre preparo à parte. (Professora Lucimar)  
O material do MAO é ótimo para sensibilização do grupo. (Professora Tereza)

Usei, e em todas as outras visitas irei usar e explorá-lo mais. (Professora Fran)

Para os professores, o *Guia do Educador* é um material para sensibilização dos estudantes no momento que antecede as visitas, além de um excelente material para orientar a preparação de aulas desenvolvidas na escola e os conteúdos provocados pela exposição do MAO após a visita. Além do *Guia*, ao participarem do *Momento do Educador* os professores recebem o *Passe Livre do Educador*, que possibilita o acesso ao Museu para que possam planejar atividades que serão realizadas com os estudantes durante a visita.<sup>5</sup>

Ações educativas do MAO vêm sendo desenvolvidas em parcerias com instituições de ensino e pesquisa como a criação do CD *Tematizando Artes e Ofícios* feito em parceria com o LABEPH/UFMG, a PUC-MG (CEFOP) e a UEMG.<sup>6</sup> O CD é composto por textos, poemas e sugestões de atividades para o cenário do couro. É um instrumento pedagógico voltado a professores de diferentes áreas do conhecimento. Serve para o uso dos museus que privilegiam a educação pela memória e a história em um recorte temático, estimulando o professor a fazer escolhas na visita aos museus, superando a angústia por uma visita total que comporte todos os sentidos despertados ali.

Nessa mesma perspectiva, o setor educativo do MAO sugere ao professor sete trilhas que podem ser um caminho para que os professores usem de forma mais instrumental a visita ao museu.<sup>7</sup> Não se trata de um instrumento que desconsidera as dimensões sensíveis na educa-

<sup>5</sup> O agendamento de visitas orientadas ao MAO é realizado com 1 mês de antecedência de duas formas: no "Momento do Educador", encontro realizado com professores na última semana do mês, e na primeira segunda-feira de cada mês. O professor que comparece ao encontro tem a possibilidade de agendar visitas, e as vagas remanescentes do encontro ficam disponíveis para agendamento na primeira segunda-feira. Museu de Artes e Ofícios, 2014, online.

<sup>6</sup> Este CD-ROM foi idealizado pela equipe do Projeto Tematizando os Ofícios – caixa virtual de história – o Museu de Artes e Ofícios em visitas escolares, e pelos subprojetos Memória dos Ofícios e Educação para o Patrimônio, que reuniram pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade Estadual de Minas Gerais, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Setor Educativo do Museu de Artes e Ofícios.

<sup>7</sup> Trilha do Gesto, da Energia, da Mineração, do Comércio, das Artes, Afro-Brasileira e da História do Trabalho.

ção e deixa de privilegiar o modo subjetivo de fruição dos estudantes. Consideramos apenas que o professor pode definir objetivos prévios na visita educativa e que, desse modo, particulariza a relação com a exposição.

As trilhas são uma possibilidade de “objetivar” a visita ao MAO, provocando o debate sobre conteúdos escolares específicos. Segundo Naila Mourthé, as trilhas provocam conteúdos interdisciplinares sem privilegiar apenas a área de humanas e sociais, mas possibilitando o uso pedagógico do museu pelas diversas disciplinas escolares dispostas nos currículos, além de propor a transversalidade em temas de interesse de professores e estudantes. O professor é convidado a pensar em outras possibilidades para além daquelas contidas nos conteúdos escolares, mesmo porque não teria como o MAO disponibilizar educadores especializados nas diferentes disciplinas escolares.

Ao optar por uma das trilhas, o professor planeja sua visita ao MAO e pode romper com a lógica da visita clássica aos museus, que se davam em um curto período de tempo, na qual os estudantes eram conduzidos pela exposição transcrevendo tudo que encontravam pela frente. Podem propor problemas historicamente fundamentados e, dessa forma, potencializar os conteúdos curriculares por meio de uma narrativa visual da história.

A criação de programas de atendimento especializado aos docentes em setores educativos dos museus pode favorecer não somente que os professores se qualifiquem para essa relação e usufruto educativo, mas que os museus, como instituições mutáveis, também possam mapear as expectativas e impressões dos professores, alterando seus projetos de recepção de públicos escolares. Chamamos de atendimento especializado aos serviços as atividades e os programas permanentes criados no museu que favorecem vínculos mais efetivos com a sociedade e dos professores com os museus, com alteração de hábitos culturais e amadurecimento de propostas de visitação escolar.

Com a criação desses programas, o fazer educativo nos museus passa a ser visto como oportunidade formativa, uma vez que é rico em experiências, contatos e trocas. Professores e educadores de museus aprendem com a prática e a experiência que são reavaliadas e reposicionadas no processo educativo. Assim, atividades nos museus, que são desenvolvidas com os professores, podem contribuir para novas experiências educativas com os estudantes nas escolas. A atividade docente é, antes de tudo, baseada em interações entre seres humanos: dos professores com os estudantes, seus colegas de profissão e, também, com as equipes educativas dos museus (SALES & SIMAN, 2009).

# Experiências docentes no Museu de Artes e Ofícios

Como sujeitos que vivem experiências, os professores mudam sua prática no diálogo com a cultura e no encontro com outros sujeitos em diferentes espaços e tempos. São formados em diferentes espaços e neles fazem opções do que ensinar, de como ensinar e de que forma vão partilhar com os estudantes em sala de aula os conhecimentos adquiridos. Tornam-se professores, adquirem experiências e as usam na construção de sua visão de mundo.

Tardif (2011) afirma que os saberes dos docentes estão relacionados às experiências sociais: na forma como os professores constroem representações, interpretam, compreendem e orientam sua profissão e a prática cotidiana. Segundo o autor, o saber docente é social porque é partilhado na escola como uma experiência coletiva. Essa partilha está condicionada a um sistema que garante a legitimidade do saber disciplinar, ou seja, o saber de referência em sua forma escolar. Para Tardif (2011), o saber é produzido socialmente e resulta da negociação entre diferentes grupos reunidos em sindicatos, associações científicas, universidades, administração escolar e autarquias competentes que definem currículos e programas.

Na construção sócio-histórica das disciplinas escolares, estão envolvidas essas experiências. Os docentes interferem no currículo, encontrando a melhor forma de ensinar aos estudantes os conteúdos selecionados. Nessa interferência, estão materializadas suas experiências e visões de mundo. Os discentes, por sua vez, interferem no processo de ensino-aprendizagem resistindo, negociando ou acomodando-se ao que é proposto pelo docente. Para Tardif (2011):

(...) o saber não é uma substância ou um conteúdo fechado em si mesmo, ele se manifesta através de relações complexas entre o professor e seus alunos. Por conseguinte, é preciso inscrever no próprio cerne do saber dos professores a relação com o outro, e, principalmente, com esse outro coletivo representado por uma turma de alunos.  
(TARDIF, 2011, p. 13)

Concordamos com as conclusões de Ana Monteiro (2007) de que, na escola, os saberes têm uma configuração cognitiva própria, que dialoga com o saber de referência,

mas envolve estratégias didáticas mobilizadas pelos docentes, bem como as dimensões socioculturais próprias da cultura escolar. As relações entre os saberes disciplinares, curriculares, pedagógicos e a experiência docente originam o saber ensinado a crianças e jovens nas escolas. Para além da racionalidade técnica que via o professor como um instrumento de transmissão de saberes produzido nas universidades, a experiência vivida exerce influência na mobilização de estratégias e na seleção de saberes a ensinar.

A professora Clarice<sup>8</sup> se envolve com atividades em espaços formativos, que vão desde associações de bairros a instituições religiosas, e realiza pesquisas em projetos ligados à Universidade Federal de Minas Gerais.<sup>9</sup> A professora acredita que essas experiências influenciam em suas ações como docente na escola:

**Professora Clarice:** A minha ideia é juntar tudo. Por exemplo, ano passado, a gente tentou fazer, mas o tempo foi pouco. A gente acha que sempre pode fazer mais, mas o tempo foi muito curto. A minha carga horária é de 3 horas/aula, e você tem que dividir com Geografia, aí eu fico pensando as duas coisas. Eu acho que as duas disciplinas andam juntas. Estava até brincando um dia com uma colega... “Você trabalhou mapa? Trabalha mapa antes”. Por exemplo, está no livro deles lá **“Chegada dos Portugueses ao Brasil”**. Aí você está explicando... “... A Chegada dos Portugueses ao Brasil se deu em 22 de abril no litoral...”. Ela foi, deu a aula e no final ela perguntou se alguém tinha alguma dúvida, daí o menino levantou a mão e perguntou... “O que era litoral...”. Quer dizer, depois que ela tinha dado a aula toda, então, eu acho que casa muito bem estas disciplinas, História, Geografia, Ciências, Português...

A ideia é tentar sempre estar alinhavando, por exemplo, a história local do Córrego do Capão... Daí a problemática era... **“Como eu posso tentar pensar em memória, em patrimônio imaterial, ou pensar na questão da musealização dessa experiência com os meninos”, trabalhando o Córrego do Capão, a questão da água, o meio ambiente, e a que a gente tinha que vir ao museu e produzir um produto final.**

(Entrevista em HD 1h48’, data 18/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

A professora Clarice se lança a experiências fora do universo escolar, estabelecendo parcerias com o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (LABEPEH-FAE/UFMG) no projeto *“As escolas na bacia: a história do Córrego do Capão na cultura local”*. A experi-

<sup>8</sup> O nomes dos professores foram substituídos por nomes fictícios para atender às normas do Comitê de Ética da UFMG.

<sup>9</sup> Projeto Capão, realizado em parceria com o LABEPEH, Faculdade de Educação.

ência no projeto foi fundamental para rever suas práticas e ressignificar o currículo de História, abordando temas interdisciplinares, como a memória e o patrimônio. Essa experiência fez com que a professora introduzisse temas transdisciplinares ao programa de história. Neste caso, é o saber da experiência que modifica a forma de lidar com os temas propostos nos programas e currículos escolares. Para Tardif (2011):

A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional. Ela filtra e seleciona os outros saberes, permitindo assim aos professores reverem seus saberes, julgá-los e avaliá-los e, portanto, objetivar um saber formado de todos os saberes retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana. (TARDIF, 2011, p. 53)

As atividades que a professora Clarice realizou no projeto Capão foram indutoras de uma nova forma de ensinar História na educação básica. Para Larrosa (2002), o sujeito portador de experiência é aquele que se permite abrir novas possibilidades de atuação profissional, uma abertura essencial ao mundo. O autor cita Heidegger (1987) para qualificar a ideia de que a experiência prescinde de uma abertura às coisas do mundo:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1987, citado por LARROSA, 2002, p. 143)

O sujeito da experiência na fenomenologia de Heidegger é aquele que se submete a algo que não lhe é familiar e, por isso, sai de seu porto seguro, abrindo-se às frustrações, ao sofrimento, mas também às paixões, encantamento e satisfação profissional.

O projeto da docente culminou com uma visita ao MAO. A professora discutiu o uso da água na sociedade contemporânea e o relacionou com a exposição do museu. Para a docente, as discussões que fez no projeto do Capão poderiam ser alinhavadas com o conceito de memória e patrimônio no uso pedagógico da exposição do MAO.

No ensino de História, a partir de uma educação sensível que privilegie dimensões éticas, políticas e estéticas

cas, os professores podem dispor de análise do que é chamado de bens materiais, práticas culturais, relações sociais, análise de paisagens, arquitetura, entre outros rastros impressos pelo homem no tempo. Muitos desses rastros encontram-se nas galerias dos museus.

Os museus inscrevem-se nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade e convidam a uma aprendizagem da cultura de maneira dinâmica e pluralista. Com sua narrativa arbitrária, podem ser locais privilegiados de aprendizagem histórica. De acordo com Junia Sales Pereira, os museus estão inseridos

(...) nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade, compreendidos como gestos arbitrários que essa mesma sociedade realiza e, portanto, como instituições produtoras de percepções sobre a história, sobre os objetos, também sobre as impermanências dos rastros. (PEREIRA, 2007, p. 2)

Nos museus, os professores de História têm material necessário para a reflexão sobre os gestos de salvaguarda e esquecimento, em uma narrativa visual constituída por cenários previamente elaborados para provocar nossos sentidos. Objetos de cultura material, legendas, totems e vídeos compõem o cenário do MAO usado pelos docentes para uma aprendizagem sensível da história.

Em uma tarde, percorremos o MAO com a professora Cora para que narrasse suas experiências em contato com a exposição que, frequentemente, serve-lhe de estratégia para ensinar História. Cora é uma professora que frequenta museus desde que iniciou sua carreira e realiza visitas com estudantes em muitos museus da cidade:

**Professora Cora:** (...) Esse Museu pra mim, além de eu gostar muito dele, tem uma facilidade...Eu faço acesso de metrô, então, eu não pego engarrafamento, custo. Aí esse ano eu descobri que não pago ticket de metrô. Eu venho com meus alunos de graça. Então, tem outras facilidades além do Museu. Eu gosto muito daqui, mas o Abílio Barreto, por exemplo, já é um pouco mais difícil, exige da escola um ônibus, lanche, então, me traz na organização mais trabalho do que um projeto pode ser feito, pela falta de dinheiro da escola. Esta é uma das questões que devem ser colocadas.

Ano passado eu fui ao Museu Abílio Barreto... A gente faz muitas excursões. Nós fomos a Ouro Preto...Fomos à Casa Fiat de Cultura...

**Pesquisador:** O que te estimulou a essa prática de ensino de história em museus?

**Professora Cora:** Apesar da pouca discussão na graduação, eu acho que os museus hoje fazem um trabalho bem bacana de tentar aproximar o museu que não é

**nenhum objeto, apenas um objeto que está a aproximar o museu da comunidade.** Neste sentido, eu acho interessante tornar as aulas de história vivas, contextualizadas, que tenha significado para aquele aluno... Tornar a aula mais interessante, por isso que eu os trago sempre, até pra sair daquela monotonia do professor, quadro, aluno...

(Entrevista em HD 1h52', data 10/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

A professora Cora ressalta em sua narrativa que o acesso ao MAO facilita sua ação docente quando comparada a outros museus da cidade. Acredita que, apesar da discussão sobre museus e ensino de História ter estado quase ausente durante sua formação inicial, os museus estão se aproximando mais da comunidade escolar e estimulando seu uso pedagógico. Ela aponta dificuldades na formação fora da escola, mas acredita que o uso pedagógico dos museus torna as aulas de História mais vivas, em diálogo com as experiências sociais, com mais significado para os estudantes.

O professor Bento realizou um projeto sobre a história de Belo Horizonte e, antes da visita, estabeleceu uma parceria com os educadores do museu. Em um momento de formação, bem antes de realizar a visita, apresentou suas expectativas à equipe do museu para que o momento da visita fosse significativo para os estudantes e também pudesse fazer uso pedagógico da exposição. Segundo o professor, o museu é potente para ensinar História, entretanto deve haver uma abertura por parte do professor para que a visita não se torne apenas um momento de ilustração de conteúdo ou reafirmação de uma história cronológica, linear e canônica. Há, segundo Bento, possibilidades de exploração poética do museu que vão além de dimensões cognitivas da história como produção de fotografias, textos, vídeos, que extrapolam o conteúdo programático da disciplina:

**Professor Bento:** É fundamental, para além de uma visita virtual, ir lá... **entender o que é o museu, o que ele tem para oferecer.** Conversar com os educadores, conhecer o acervo, porque na conversa vai **abrindo outras possibilidades de abordagem para além do conteúdo disciplinar.** Esse momento é formativo, uma formação em serviço.

(Entrevista em HD 1h35', data 11/04/2012, local: MAO)

O estabelecimento de parcerias entre professores e setores educativos pode ser um caminho para uma abordagem significativa das exposições no sentido de promover um ensino crítico de história que dialogue com a experiência dos sujeitos, em que os objetos musealizados abram possibilidade para discutir o social vivido e as implicações

do pretérito no presente. Como afirmou o professor Bento, o momento pré-visita pode favorecer o levantamento de problemas históricos na relação com o conteúdo escolar.

## Ensino de História no Museu de Artes e Ofícios

O Museu de Artes e Ofícios possui um setor educativo e oferece suporte aos professores que fazem visitas pedagógicas com estudantes. Do grupo de professores de História que responderam ao questionário na primeira etapa da pesquisa, 69% realizam visitas regulares com estudantes a museus e, inclusive, foram mais de duas vezes ao MAO no ano de 2012.

A maior parte dos professores entrevistados mobiliza os museus em sua prática e considera que essas instituições reúnem condições favoráveis para o ensino de História:

(...) as visitas (não apenas em museus) conferem significado aos temas trabalhados em sala e permitem que os sujeitos sintam-se construtores e participantes da história. **As visitas a museus provocam outros sentidos** e permitem ao estudante **visualizar** outras versões da história que não estão nos livros didáticos. (Professor Bento — grifo nosso)

O ambiente do museu **desperta a curiosidade** dos estudantes, o acervo **transporta o visitante no tempo**, as orientações dos guias (quando bem preparados) ampliam as possibilidades de exploração pedagógica da visita. (Professor Mário)

**O contato visual com o museu**, com objetos históricos, com a problemática do monumento como sendo monumento histórico. (Professora Hilda)

O aluno consegue apropriar-se do conteúdo, **pois tem contato com o “concreto”**, indo além da teoria escutada em sala de aula. (Professora Hannah)

Em grande parte das respostas ao questionário aplicado em nossa pesquisa de doutorado, os docentes enfatizam o contato visual como um dos diferenciais da educação por meio de visitas a museus. Os museus nascem de uma tradição antiquária e constroem uma narrativa visual da história, proporcionando ao visitante uma experiência sensorial. De acordo com Bann (1994), os ambientes museais promovem o envolvimento do sujeito com outro

tempo, em uma experiência dos sentidos que não segue uma ordenação racional (BANN, 1994).

Despertar, ampliar e visualizar são verbos recorrentes na fala dos docentes que fazem uso pedagógico do MAO. A exposição possibilita o contato visual com objetos portadores de uma historicidade e dispostos de forma a construir uma narrativa da história. Essa narrativa é usada para ensinar História, pois possibilita ao estudante o contato com o “concreto,” como afirma a professora Hannah.

Muitas vezes, o uso pedagógico do museu limita-se a esse processo ilustrativo dos conteúdos escolares. Superar essa limitação requer dos professores criatividade, problematizando a exposição e mobilizando ideias na continuidade da visita no retorno à sala de aula. Rompendo com a ideia de um tempo encapsulado em objetos e legendas, o museu deixaria de ser um espaço apenas de curiosidade, que transporta o sujeito a outro tempo e possibilitaria sentir empaticamente as implicações do pretérito no presente.

O professor Bento chama atenção para a possibilidade de confrontar versões da história. Ao provocar sentidos diversos, a narrativa museal abre nova perspectiva de construção de conhecimento histórico afirmada na visualização e no discurso dos educadores de museu. Os visitantes escolares produzem narrativas na relação subjetiva com a exposição. Há um processo de construção de conhecimento cognitivo estabelecido pelas sensibilidades no contato com a exposição e no diálogo intersubjetivo, em uma situação relacional diferente daquela da sala de aula.

Ainda que não tenha o poder de transportar o visitante no tempo, essa forma de ensinar, por meio dos museus, desperta a curiosidade, como enfatiza o professor Mário, abrindo reflexões sobre a monumentalização das fontes históricas, neste caso, a sacralização dos objetos nas exposições e os litígios presentes nos museus. Sob esse ângulo, o professor pode pensar o museu a partir da salvaguarda e da perda, pois o que está exposto é sempre fruto de uma escolha arbitrária, vestígios de como a sociedade quer ser lembrada. A narrativa museal é um recorte, uma seleção de rastros materiais e legendas em cenários propostos para a construção de um argumento.

O uso pedagógico do museu faz parte de uma concepção ampliada de educação, em que o sujeito está integrado de forma sensível ao mundo e pode refletir sobre a sua história e sobre as tramas culturais nas quais está envolvido. No museu, o ato educativo é diferente do conhecimento que a escola constrói, pois está localizado em espaço e tempo curtos, exigindo, assim, outros ritmos e outras linguagens. Abre-se espaço para um conhecimento sensível, que localiza cada sujeito no seu universo cultural em diálogo com a pluralidade de linguagens estéticas do ambiente museal. Esse conhecimento é construído nas re-

lações subjetiva e intersubjetiva que compõem uma visita pedagógica a museus.

Na visão do professor Bento, as visitas a museus ainda são orientadas por temas que estão sendo discutidos na escola; são estabelecidas a partir de objetivos ligados ao currículo, em uma aprendizagem que privilegia as dimensões cognitivas do sujeito. Mas ele acredita que é possível romper com essa concepção por meio de uma prática reflexiva do uso dos museus:

**Pesquisador:** Você acha que os professores procuram os museus de acordo com o tema que estão desenvolvendo em sala de aula?

**Professor Bento:** As visitas são orientadas por temas. O Museu fica a reboque das demandas da escola. É meio complexo escapar dessa nuance. Realmente tem questões que a gente discute na escola que a gente gosta de ilustrar, gosta de discutir através do museu. Existem outras possibilidades, e **eu tenho aprendido** a trabalhar com isso nos últimos anos. Tem possibilidade de deixar que os próprios alunos conduzam a discussão, porque andando por aqui eles se lembram de um objeto que foi significativo na vida deles, na infância, e vão viajar naquilo ali, vão dissertar sobre aquilo. **E, às vezes, desvirtua uma ideia inicial que foi trazer o aluno aqui para contextualizar um conteúdo.** Mas não nego que a intenção de dar significado ao conteúdo trabalhado esteja presente no planejamento que fazemos. **Agora o bacana é quando isso consegue ser desvirtuado pela experiência do próprio aluno. Esse espaço aqui é muito rico nesse sentido, surpreende a gente pela experiência que eles têm. É o lugar do inesperado.** (Entrevista em HD 1h35', data 11/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

Na entrevista caminhante, o professor Bento chama atenção para a riqueza do acervo do MAO, que abre possibilidade de dialogar com a experiência de vida dos estudantes. O docente admite que existe um planejamento para as visitas ligado ao conteúdo disciplinar, mas que o ambiente museal é o lugar do inesperado e a visita desvirtua, ou seja, vai além da proposta inicial explicitada nos planejamentos de aula. Com sua estratégia de visita, Bento consegue romper com uma educação que privilegia apenas as dimensões cognitivas, abrindo espaço para as dimensões sensíveis, éticas, estéticas e políticas, uma vez que as experiências dos estudantes ampliam a possibilidade de uso pedagógico do museu, extrapolando a exploração dos conteúdos curriculares.

Para o docente, o MAO é o lugar do inesperado, e, ao caminhar pela exposição, os estudantes entram em contato com objetos que fazem parte do seu cotidiano; e na caminhada ocorre um diálogo entre as experiências dos estudantes e a narrativa visual:

**Pesquisador:** É possível visualizar a história nesse museu?

**Professor Bento:** Creio que é possível visualizar a história, principalmente daquele que o olhar não... como a gente chamaria de memórias subterrâneas né... Pollak né. Essas pessoas, quando vêm ao museu, pessoas vêm aqui achando que vão encontrar só velharia, no entanto eles encontram a velharia, coisas que fazem parte do seu cotidiano. Então aquilo faz despertar aquelas lembranças, e essas lembranças fazem parte da história. **Eles vão revelando aspectos da história de vida deles que muitas vezes se confunde com a história social, com a história coletiva.** Às vezes, dá para pegar o gancho de um determinado momento histórico... isso era em que época? O Que estava acontecendo nessa época? Daí você introduz o conteúdo, mas sempre partindo das coisas que eles viram, daquilo que eles falaram aqui. (Entrevista em HD 1h35', data 11/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

O docente utiliza-se do conceito de memórias subterrâneas, proposto por Michael Pollak, para explicar a relação existente entre a experiência de vida dos estudantes e a exposição do MAO. Michael Pollak postula a pulsação advinda das memórias construídas no silenciamento e afirma o elemento contraditório na confecção de uma teia de lembranças majoritárias que são oficializadas em suportes materiais responsáveis pela manutenção de uma dada ordem vigente. Para Pollak, na sociedade contemporânea, a fronteira entre o que se diz e o silêncio separam (...) *uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor* (POLLAK, 1989, p. 6).

Essas memórias subterrâneas são expressas nas histórias de vida como ordenamento de acontecimentos que balizaram uma existência e (...) *através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros* (POLLAK, 1989, p. 13).

Os objetos expostos ressoam as experiências dos sujeitos, despertando lembranças que criam outras narrativas, que estão silenciadas na exposição do museu. Greenblat admite que os objetos são potentes, revelando forças culturais complexas e dinâmicas nas quais foram criados e das quais estabelece relações com o sujeito que vê, arrebatado pela estética que prende sua atenção. Pela ressonância e pelo encantamento, são provocados gestos imaginativos relacionados aos conteúdos propostos pelo professor no momento da visita (GREENBLAT, 1991).

Os regimes de visualidade do que se dá a ver (o visível) e os silêncios (o invisível) são compostos, também,

pela relação subjetiva estabelecida no momento da visita. O museu é o espaço destas três ordens de visualidade. O museu, por meio da presença dos objetos em toda sua materialidade, abre espaço para o ausente no jogo da memória e da história.

O professor Bento afirma a importância de dar vazão às histórias de vida despertadas pelo contato visual com a exposição do MAO. No relato dessas histórias, o docente estabelece relações com aspectos da história social, abrindo um diálogo com os estudantes e introduzindo conteúdos próximos às suas experiências.

Essa estratégia de ensino não limita os conteúdos de história ao que está exposto nos manuais didáticos ou ao conhecimento do professor, mas estimula o questionamento das narrativas e propõe entender cada sujeito na construção do presente em diálogo com o passado. A história aproxima-se do sujeito do aprendiz no estímulo à construção da consciência histórica em um processo de educação sensível.

Na educação sensível, considera-se que o sujeito aprende na relação corpórea que estabelece com as coisas do mundo por meio de seus sentidos, antes mesmo do pensamento e da reflexão. Como afirma Merleau-Ponty:

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. (...) Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos primeiramente o que é uma floresta, um campo, um rio. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6-7)

O autor afirma que o cognitivo depende de uma visão pessoal, ou seja, de uma forma própria de se posicionar no mundo. O inteligível é secundário em relação a essa experiência relacional despertada pelos sentidos.

As lembranças como fenômenos próprios da relação do homem com as coisas do mundo fazem com que os estudantes ressignifiquem sua opinião sobre os museus, pois percebem que os objetos estão muito mais próximos de suas vidas do que imaginavam. Pelos aspectos relacionados à vida dos estudantes, o docente faz um exercício de construção do conhecimento histórico, levantando problemas sobre a conjuntura, dialogando com as temporalidades e

ensinando história de forma sensível e empática por meio da exposição:

**Pesquisador:** Você lembra a primeira vez que visitou o MAO?

**Professor Bento:** Eu trabalhava na rede particular pouco depois de inaugurar, e nós fizemos um projeto de uso desse museu. Eu sempre venho com aluno. Já vim uma vez com minha mãe, e tal, mas a maioria com estudantes do Ensino Médio. Na primeira visita, me surpreendeu o fato de ter essa **potencialidade virtual**, esse tanto de objetos que a gente trabalha em sala de aula, alguns eu nem conhecia, essa coisa do mundo do trabalho, é um tema importante e que atrai a atenção do aluno, o tamanho e a dignidade com que os objetos são expostos, o acervo... **tudo isso até hoje me surpreende, cada vez eu venho é um aprendizado...** principalmente quando venho com alunos adultos e fico sabendo como alguma dessas peças funcionavam. É interessante que eles surpreendem o próprio educador do museu... o cara, às vezes, está falando do funcionamento de um objeto, e o aluno fala “não é assim não! É desse e daquele outro jeito”. É sempre surpreendente, é sempre um aprendizado.

**O barato da coisa é esse, de trazer a memória, algo que ficou lá atrás, que normalmente já não estão mais nesse contexto, porque estão em uma vida urbana, e esse museu pré-industrial**, mas eles se lembram daquilo, e trazem, parece que vem à tona em um momento assim e desperta essas lembranças... (Entrevista em HD 1h35', data 11/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

Em sua experiência, o professor Bento se reconhece como sujeito “aprendente”, que se surpreende com a possibilidade de produzir conhecimento a partir da experiência de vida dos visitantes escolares. Como afirma Tardif (2011), os professores experienciam situações diversas, que são confrontadas com saberes adquiridos nos cursos de formação e com saberes que lhes são propostos para ensinar.

Os museus são ambientes formativos que abrem possibilidade de partilhar experiências. Por meio do uso pedagógico dos museus, os professores redimensionam sua prática, promovendo uma educação para as sensibilidades. Para Junia Sales Pereira (2008), a educação como princípio formador e humanizador é uma das finalidades dos museus, apresentando-se como uma de suas faces mais desafiadoras e instigantes: *o exercício do fazer educativo em Museus é visto como oportunidade formativa porque rica de experiências, contatos e trocas que proporcionam — quando significativos — situações novas, enriquecedoras, e reinventivas* (PEREIRA, 2008, p. 2).

Ao que parece, a primeira aproximação dos docentes com o museu acontece de maneira instrumental, ou se-

ja, com finalidades de exploração pedagógica e histórica dos temas que são desenvolvidos em sala de aula a partir do currículo. Essa aproximação instrumental não significa que as dimensões éticas, estéticas e políticas estão desconsideradas. A ideia de um museu em processo que convida à experiência e que nos encarna rompe com a objetividade pretendida no momento em que o professor planeja a visita.

A visita é experiencial e, portanto, plena de sentidos que extrapolam o projeto inicial do docente. Como disse o professor Bento, o MAO é o lugar do inesperado e, por meio do encontro dos discentes com objetos que fazem parte de sua história de vida, são tecidas narrativas inéditas, em diálogo com a proposta dos educadores de museu.

A pretensão de objetividade pode ser comprovada por meio de projetos socializados no MAO e os que foram disponibilizados pelos professores entrevistados para esta pesquisa, como, por exemplo, o projeto da professora Cora. Em 2012, a docente desenvolveu, na Escola Municipal Josefina de Sousa Lima, o projeto *Desvendando o Primeiro de Maio*<sup>10</sup>:

**Professora Cora:** Na verdade, Desvendando o Primeiro de Maio **começou como exigência da Prefeitura de Belo Horizonte, que as escolas fizessem um Projeto, e as duas propostas que foram feitas para a Escola era participar de um projeto sobre o Córrego do Onça ou participar de um projeto de Educação na Mídia.** O Projeto de Educação na Mídia eu achei mais legal, não que um projeto de educação ambiental não seja válido, mas tudo dentro do seu contexto, não pode ser simplesmente jogado. Quando fazia graduação eu vi uma Revista [Escola] onde um pesquisador da EJA falou que fez uma atividade sobre o trabalho dos alunos. Aí eu pensei que se algum dia eu trabalhasse com aluno, partindo do princípio que a maioria trabalha ou já trabalhou, eu vou abordar essa temática sim. Então, eu tinha vontade de fazer um Projeto sobre o trabalho, e aí muito apertado e ninguém querendo nenhum dos dois projetos, aí eu sugeri fazer um Projeto sobre o trabalho na reunião.  
**Eu sugeri e, de certa forma, as escolas gostaram, pois iria resolver um problema que a gente tinha, mas ao longo do ano eu fui abandonada e toquei o Projeto sozinha.** (Entrevista em HD 1h52', data 10/04/2012, local: MAO. Grifos nosso)

A professora Cora começou o projeto para cumprir uma exigência curricular da rede de ensino da qual faz parte. Sua experiência de leitura na graduação foi um dos motivos para a escolha do tema. A formação inicial foi interferente na estratégia de ensino que escolheu quando iniciou sua carreira. A teoria é um dos alicerces para uma ação criativa na educação básica.

<sup>10</sup> A professora Cora disponibilizou o projeto e o documentário no momento da entrevista realizada no MAO.

Ao longo da execução do projeto, a professora relata que “foi abandonada”, uma vez que a realização de trabalhos interdisciplinares tem sido um desafio constante na escola. No modelo de escola em que as disciplinas são saberes compartimentados e os tempos e espaços estão definidos *a priori*, a inter e a transdisciplinaridade não são tarefas das mais fáceis.

A professora Cora constitui-se, na expressão de Larrosa (2002), como um sujeito da experiência. Para Larrosa (2002), o saber da experiência é diferente das informações, pois está relacionado à abertura e à receptividade do sujeito. Resulta da capacidade do sujeito de estar “ex-posto”, ou seja, de assumir toda a vulnerabilidade em uma situação que desconhece, mas que, por suas posições diante da educação e sociedade, sente a necessidade de arriscar. Para o autor:

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a **experiência é uma paixão**. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, **mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional**. (LARROSA, 2002, p. 19, grifos nossos)

Consideramos que os professores são sujeitos apaixonados e apaixonantes, e, por isso, nossa metodologia privilegiou o sujeito em uma situação de experiência. A entrevista caminhante foi uma oportunidade de os docentes refletirem sobre a prática de uso pedagógico de museus para o ensino de História e de exporem suas concepções de educação e sociedade.

A professora Cora afirma que visitar museus com estudantes faz parte de um projeto pessoal, pois sentiu falta desse tipo de atividade quando era estudante na educação básica e no curso superior. Para a docente, é uma forma de estimular os estudantes e incentivar a pesquisa, rompendo com a lógica transmissiva na história ensinada, e, para isso, escreveu o projeto *Desvendando o Primeiro de Maio*.

Esse projeto foi desenvolvido com alunos que não possuíam a habilidade da leitura e da escrita com o objetivo de investigar o mundo do trabalho. A professora afirma ter realizado o trabalho com vistas a estabelecer condições para que os estudantes criassem uma narrativa para as suas experiências:

Após a visita ao MAO, os alunos começaram a mencionar como era o trabalho na época em que muitos viviam na roça, ou seja, em que eles eram crianças. A partir daí, começamos a abordar o trabalho e a pesquisar por que o bairro no qual eles residem se chama Primeiro de

Maio. Os alunos não alfabetizados deram seus depoimentos, os quais foram filmados. Os alfabetizados, por sua vez, redigiram suas memórias, fizeram entrevistas aos moradores mais antigos do bairro. Com esse material, foi realizado um documentário sobre a História do Bairro Primeiro de Maio, que foi exibido no dia da culminância. (Projeto escrito e disponibilizado ao pesquisador pela professora Cora)

No projeto escrito pela professora, o objetivo era que os estudantes pudessem discutir as mudanças e permanências na luta dos trabalhadores pelos seus direitos, por meio das memórias em relação ao mundo do trabalho. Foram também objetivos do projeto o levantamento da história do bairro e, principalmente, a relação do seu nome com o feriado de primeiro de maio. A professora estabeleceu relações entre a história local e os conteúdos curriculares da disciplina História, como observamos no projeto:

Conteúdos curriculares:

- \* Mundo rural e mundo urbano: as diferenças no processo de trabalho.
  - \* A Revolução Industrial, as mudanças ocorridas no processo de produção e os movimentos operários.
  - \* A greve de 1917
  - \* A contestação ao governo Vargas e a criação leis trabalhistas.
  - \* A participação dos candangos na construção de Brasília.
  - \* A industrialização ocorrida durante o governo de JK.
  - \* A história do bairro Primeiro de Maio.
  - \* A construção do conhecimento histórico pelo historiador.
- (Projeto escrito e disponibilizado ao pesquisador pela professora Cora)

Como atividades no pós-visita, a professora Cora desenvolveu um documentário baseado nas pesquisas feitas pelos estudantes, o que se caracterizou como uma produção coletiva, uma vez que – “ao relatarem as suas memórias, efetuarem entrevistas, perceberem informações contraditórias que foram recolhidas – realizaram o trabalho do historiador e assim puderam perceber, na prática, como o conhecimento histórico é construído”.<sup>11</sup>

Este projeto abre a possibilidade de o estudante refletir sobre sua experiência no tempo, posicionando-se como agente e participante da história, e não como mero espectador. Os estudantes puderam contrapor a narrativa consolidada nos livros didáticos com suas memórias individuais, provocadas pelo contato visual com a exposição

<sup>11</sup>Projeto escrito e disponibilizado ao pesquisador pela professora Cora.

do MAO. A professora investe em uma prática dialógica, seleciona conteúdos e fontes, e familiariza os estudantes com a prática de pesquisa. Dessa forma, produz conhecimento subsidiada pelas práticas de pesquisa dos historiadores.

Como podemos perceber pelos dados do projeto da professora Cora, a aprendizagem dos conteúdos disciplinares da História nos ambientes museais produz um conhecimento novo, fruto do diálogo com as narrativas propostas nessas instituições, as memórias dos sujeitos e o discurso dos educadores e professores. A professora mobiliza estratégias para ensinar História no diálogo com o saber referente e com a narrativa produzida no MAO.

## Considerações Finais

Os museus são ambientes de formação, e seu uso proporciona reflexões sobre os saberes e as estratégias que serão mobilizados, rompendo com limitações conceituais e práticas da educação. São ambientes que proporcionam experiências e trocas diferentes das que acontecem em uma situação relacional em sala de aula. Os museus constroem uma narrativa visual por meio de cenografias com objetos, totens multimídias, legendas, focos de luz e espaços vazios. Nesses ambientes, os sentidos são despertados pela relação corpórea com as coisas no mundo. Entre os sentidos, a visão é responsável pela percepção e desperta outros sentidos, sendo responsável por fenômenos miméticos, que dão sentido à exposição e despertam nos sujeitos a vontade de narrar suas histórias para preservar suas memórias.

Os museus justificam-se pela materialidade da exposição. Certamente que a experiência sensível extrapola a materialidade, mas os sujeitos também são matéria e corpo, e através deste é que se relacionam com as coisas físicas, elaborando percepções visuais que são responsáveis pela compreensão das dimensões éticas, estéticas e políticas de suas vidas.

A narrativa do MAO é produzida por meio da visualização de objetos, elaboração de legendas, disposição de imagens, totens multimídia e manequins. É uma forma de representação da história dos ofícios no Brasil em diálogo com a produção de conhecimento e com o uso educativo proposto pelos educadores e professores. Na presença da

exposição, os sujeitos elaboram narrativas empáticas baseadas em percepções visuais e no exercício das lembranças.

Tanto professores como estudantes em momento de visita elaboram narrativas que são tensionadas com a narrativa acadêmica e a história ensinada. A narrativa elaborada é híbrida e exerce influência nos conteúdos curriculares. Os estudantes elaboram sentidos em diálogo com a história ensinada pelos professores, que, por sua vez, utilizam as percepções subjetivas e propõem outras formas de entender a história, mais próximas do vivido, incorporando lembranças despertadas no contato visual com a exposição.

## Referências Bibliográficas

BANN, Stephen. *As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.

BARBOSA, Neilia Marcelina. *Olhares sobre a prática docente no uso do Arte de Ofícios*. Relatório final de pesquisa de iniciação científica/CNPQ. 2010.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

DUBET, François. *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Museus em números*. Brasília: IBRAM, 2011. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>>. Acesso em 20 de ago. de 2010.

KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes: o encontro de museus e escolas no Brasil a partir da década de 50 do século XX. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 581-597, jul./dez., 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

PEREIRA, Junia Sales; SIMAN, L. M. C. Educadores em zonas de fronteira - Limiares da relação museu-escola. In: NASCIMENTO, Sylvania Souza; FERRETI, Carla Santiago. (Org.). *Museu e Escola*. Anais. Belo Horizonte: Puc Minas/UFMG, 2009, v. 1, p. 1-15. CD.

. *Escola e Museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/CEFOR-PUC-Minas, 2007.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem histórica como prática social: lições poéticas e éticas em “A Danação do Objeto: O Museu no Ensino de História”. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 47, jun., 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVA, Saint Clair Marques. *Práticas Educativas em Espaços Urbanos: possibilidades para formação de professores da EJA*. Dissertação (Mestrado). 2011. 175f. Programa de Pós-Graduação em Educação, FAE/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2011.